

ANTROPOLOGIA EM MISSÕES: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS APROPRIAÇÕES DA ANTROPOLOGIA PELOS MISSIONÁRIOS EVANGÉLICOS CONTEMPORÂNEOS

Gilson Ricardo da Silva¹
Orientador: Me. Ricardo Lopes Dias²

Resumo: A Antropologia, embora reconhecida como ciência somente a partir do século XIX, tem suas origens nos mais primitivos estudos do ser humano em suas relações sociais e, neste percurso, nem sempre foi exclusividade de antropólogos *stricto sensu*. Em vários momentos, filósofos e missionários a anteciparam e descreveram. Nas últimas décadas, a Antropologia, em razão dos inegáveis avanços de sua abordagem cultural, voltou a ser considerada e buscada, academicamente, inclusive, por missionários evangélicos que a têm visto como uma “ferramenta” importante e utilizável para suas atividades de campo. Nesse sentido, este trabalho buscou, através de uma pesquisa bibliográfica, mostrar os principais nomes e construtores do estudo de missões e as apropriações antropológicas utilizadas por eles em seus escritos, além de elencar alguns dos empecilhos enfrentados por eles no uso das teorias e técnicas antropológicas e na proposta de integração das mesmas com suas atividades e premissas através de um diálogo interdisciplinar. Ademais desta discussão, objetivou-se tratar também da atuação missionária como parte desse campo intercultural, religioso e antropológico que, para além da produção de interferências e transformações no cotidiano dos povos com quem convivem os missionários, coloca desafios para a reflexão antropológica, mensurando os conflitos, resistências, parcerias e limitações dessa convivência na atualidade dos povos indígenas.

Palavras chaves: Antropologia; Apropriação; Etnografia; Missionários.

Abstract: Anthropology, although recognized as a science only from the nineteenth century, has its origins in the most primitive studies of the human being in their social relations and, in this course, was not always the exclusivity of anthropologists *stricto sensu*. At various times, philosophers and missionaries anticipated and described it. In the last decades, Anthropology, due to the undeniable advances of its cultural approach, has once again been considered and sought, academically, even by evangelical missionaries who have seen it as an important and usable tool for their field activities. In this sense, this work sought, through a bibliographical research, to show the main names and constructors of the study of missions and the anthropological appropriations used by them in their writings, besides listing some of the obstacles they faced in the use of anthropological theories and techniques and the proposal to integrate them with their activities and premises through an interdisciplinary dialogue. In addition to this discussion, it was also aimed at dealing with missionary activity as part of this intercultural, religious and anthropological field which, in addition to producing interferences and transformations in the daily life of the peoples with whom the missionaries live, poses challenges for anthropological reflection, conflicts, resistances, partnerships and limitations of this coexistence in the actuality of the indigenous peoples.

Keywords: Anthropology; Appropriation; Ethnography; Missionaries.

¹ Graduação em Teologia (Faculdade Kurios). E-mail: gilsoneiara@gmail.com

² Graduação de Teologia (Faculdade Teológica Sul Americana), Graduação em Antropologia (UFAM), Especialista em Antropologia Intercultural (UniEvangélica), Mestre em Ciências Sociais (UNIFESP). E-mail: ricardoearte@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Partindo de um cenário amplo onde se encontra a Antropologia e suas contribuições ao longo dos tempos, procuro explorar e identificar o uso dessas abordagens na atuação missionária e no seu estudo.

Como a Antropologia não é apenas uma disciplina acadêmica, mas um campo de busca científica importante do conhecimento e entendimento do mundo atual e do homem de forma integral, o presente trabalho parte de um esforço de pesquisa quanto a atuação missionária dentro da própria missiologia e o uso de aspectos antropológicos nessa atuação, ao qual abordarei como “apropriações” em referência a empréstimos tomados da Antropologia.

O interesse por esta pesquisa foi despertando ao longo destes treze anos servindo como pastor-missionário em área indígena e presenciando a atuação missionária evangélica entre as etnias indígenas. Presenciei e senti, de perto, muitos acertos e erros que foram cometidos na vivência e abordagem missionária entre eles. Por este motivo, houve esse despertar pelo tema das “apropriações” da Antropologia pelas missões e seus atores. Com isso em mente, me propus a empreender uma melhor observação a cerca do saber antropológico e um maior diálogo com ele para compreender essa tentativa de aproximação da missiologia da Antropologia quanto as suas práticas, campo de atuação e contribuições.

O trabalho se divide em duas partes: a primeira parte é uma descrição sobre a antropologia missionária, suas pesquisas, seus principais nomes, suas possíveis contribuições à Antropologia. A segunda parte trata das apropriações antropológicas que foram tomadas para sua aplicação, capacitação e preparação dos que querem se aventurar em suas práticas e as dificuldades conceituais que se tornarão empecilhos no campo missiológico, bem como a relação entre antropólogos e missionários.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE AUTORES DA ANTROPOLOGIA DOS MISSIONÁRIOS.

A primeira via deste trabalho consiste em elencar áreas de investigação e estudar os resultados em cada ou algumas delas. No desenvolvimento do pensamento científico há uma diferenciação crescente dos campos do saber e, como tal, na Antropologia não é diferente, não sendo menos comum o soerguimento de fronteiras disciplinares com a filosofia, a sociologia, a psicologia e outras afins. Sendo que quando a mesma se mantém dentro de sua própria especificidade ocorrem também especializações internas, tais como a Antropologia filosófica, a Antropologia urbana, a Antropologia médica, além dos vários direcionamentos pontuais em que se enviam os pesquisadores em recortes de suas análises (LAPLANTINE, 2003).

Minha busca focou-se em trazer uma abordagem sobre a importância do estudo antropológico, sua utilização e apropriação especificamente no campo de atuação da missiologia, digo, no campo dos estudos acerca das missões religiosas, suas ortopraxias e premissas – antigas ou atuais – que norteiam suas ações. BOSCH (2002), ao afirmar sobre os “paradigmas históricos”, diz que a missão esteve na esteira do iluminismo, destacando características tais como a superioridade da razão, o otimismo quanto ao progresso mundial, diferença entre fato e valor e a emancipação do homem como indivíduo. As missões protestantes não conseguiram fugir das influências dessa época. As sociedades missionárias no final dos séculos XVIII e XIX foram fruto da ênfase no indivíduo, não mais da igreja ou denominação. A ideologia de superioridade do mundo ocidental e das civilizações cristãs sobre os demais foi fator preponderante que culminou nas mãos dadas entre missão e colonização.

Portanto, a discussão que me interessou foi a da Antropologia dita “missionária” como uma vertente ou ramo da Antropologia. Suas pesquisas, seus principais nomes, bem como as apropriações antropológicas que foram tomadas para a sua aplicação na preparação de missionários visando melhorar suas práticas e resultados no estudo das culturas em que se inseriram.

Taber (2000, p. 9) nos diz que “no século XIX, as relações entre missionários e ciências sociais – na medida em que existiam – eram exploratórias e provisórias, uma vez que cada um buscava, apenas ocasionalmente, compreender as intenções do outro”. Diante disso, Taber (2000) comenta acerca das primeiras interações entre missionários e antropólogos em 1860, quando missionários passaram a trabalhar como “pesquisadores de campo” a serviço dos antropólogos que se alojavam no ambiente acadêmico e, de lá, analisavam e cientificizavam os resultados obtidos através dos missionários.

Somente no século XX é empregado o estudo antropológico nas ações missionárias, em consequência do forte impulso gerado pela publicação do artigo intitulado “*Practical Anthropology*” [Antropologia Prática], escrito por Malinowski no ano de 1929. Segundo Lidório (2011) – autor central na produção antropológico-missionária nas últimas décadas no cenário missionário brasileiro, a quem retornaremos mais adiante – já em 1929, após a publicação de “Os argonautas do Pacífico Ocidental”, obra clássica de Malinowski, iniciou-se uma grande identificação da narrativa etnográfica com as sociedades missionárias da época e foi possível um maior impulso no despertar religioso para o estudo das sociedades humanas com base nos dados coletados por meio de métodos mais científicos.

Elenco aqui alguns dos atores comumente conhecidos como relevantes autores nesse processo de apropriação da Antropologia para uso na prática missionária evangélica. O intuito não é uma exaustiva biografia de cada um deles, mas localizá-los em trânsito na fronteira entre a academia e as instituições de preparação missionárias destes dois últimos séculos.

2.1.1 Edwin Smith (1876-1957): pioneirismo e conferências missionárias.

É dado o pioneirismo no incentivo missionário quanto ao uso antropológico a Edwin Smith (1876 – 1957). Filho de missionários e nascido na África do Sul, foi missionário de campo entre os anos de 1902 a 1915, na Zâmbia, entre os Baila-Batonga. Embora ele mesmo se considerasse um antropólogo amador, marcou o movimento missionário de sua época e obteve um reconhecimento da comunidade

antropológica internacional nesse mesmo período. Smith foi membro do *Royal Anthropological Institute of Great Britain* [Instituto Real Antropológico da Grã-Bretanha], desde 1909 até sua morte, sendo presidente alguns anos do instituto (REIFLER, 2003).

Houve outros nomes na construção desse movimento religioso, como George Harris, Louis Luzbetak, Alan Tippet, Charles Kraft, Charles Tabor, David Hasselgrave, David Barret e David Bosch (LIDÓRIO, 2011). É importante mencionar também as diversas conferências evangélicas promovidas com a intenção de valorizar o uso antropológico no meio missionário, conferências que ganharam força e forma em meados do século XIX. Dentre estas, as mais citadas foram a conferência de Nova Iorque (1854), a de Liverpool (1860) e a de Londres (1888), nas quais estiveram presentes cerca de 1.600 pessoas, com representantes de 53 sociedades missionárias mundiais. Nesse mesmo período, o marco do despertamento para o estudo antropológico se deu durante a Conferência Mundial de Missões, em Edimburgo, no ano de 1910, que se tornou conhecida como o local onde nasceu o movimento ecumênico mundial. O resultado desse evento foi um amplo e crescente envolvimento com o estudo antropológico no círculo missionário mundial (LIDÓRIO, 2011).

Ao observar e tentar compreender sociedades humanas, sobretudo as minoritárias ou ditas “não complexas”, seja por curiosidade, por interesse científico ou até mesmo finalidade religiosa, todos têm em comum o desafio de pensar como o nativo as motivações de suas ações. Mesmo o missionário almeja e precisa desta compreensão.

Nesse sentido, é interessante destacar que, segundo proposto por Lidório (2011, p. 20), a Antropologia Missionária visa valer-se do estudo do homem como ser biológico cultural “... com a finalidade de desenvolver relações interpessoais equilibradas e comunicação inteligível num ambiente que promove a partilha das verdades de Cristo e o envolvimento com a sociedade abordada e suas respectivas virtudes e desafios”.

O mesmo autor reforça essa “finalidade” ao afirmar que:

Por Antropologia Missionária, não me refiro à Antropologia produzida por um segmento religioso ou à Antropologia Missional, direcionada pelos valores teológico da Missão, e sim ao estudo derivado do processo de utilização dos elementos antropológicos aplicados ao ambiente de interculturalidade envolvendo ações missionárias (LIDÓRIO, 2011, p.15).

2.1.2 Eugene Nida (1924-2011): adequando traduções bíblicas a contextos culturais.

Um dos primeiros nomes a mencionar dentro da perspectiva antropológico-missionaria histórica é o do linguista estadunidense Eugene Nida (1914-2011). Nida frequentou o Camp Wycliffe, onde teve acesso às teorias da tradução da Bíblia. Ele trabalhou por um curto período de tempo entre os índios Tarahumara em Chihuahua no México, pois por problemas de saúde, teve de retornar à Califórnia. No verão daquele ano (1937), Nida atuou no treinamento de tradutores para a SIL, iniciando assim sua influência no público missionário. Entre 1937 e 1939, Nida realizou estudos na Universidade do Sul da Califórnia, onde obteve o seu mestrado em grego do Novo Testamento. Seu doutorado em Linguística aconteceu no ano de 1943, na Universidade de Michigan. Tornou-se membro fundador da *Wycliffe Bible Translators (WEC)*, uma organização relacionada ao *Summer Institute of Linguistics (SIL)*. No mesmo ano iniciou sua carreira como linguista na Sociedade Bíblica Americana (ABS), onde trabalhou como Secretário Executivo de Traduções até sua aposentadoria. Nida recebeu um doutorado honorário da *Universidade Heriot-Watt* em 1974.

Inovador no âmbito da tradução bíblica, em meados do século 20, Nida, valendo-se de conceitos tirados da Linguística, das Ciências da Comunicação e da Psicologia, além de estudos culturais, desenvolveu um enfoque ou método prático de tradução que foi chamado por ele de “equivalência funcional ou dinâmica”. Seu objetivo maior era tornar a tradução clara e compreensível, sem que perdesse a exatidão. Seu método fez com que a Bíblia se tornasse disponível e acessível numa escala maior. Isto valeu tanto para línguas da Ásia, África e América Latina, para as quais a Bíblia ainda não havia sido traduzida, quanto para o inglês e outras línguas

mais conhecidas, que já tinham uma longa história de tradução bíblica. Nida morreu em Madri em 25 de agosto de 2011, aos 96 anos (ULTIMATO, 2011).

Destaco algumas obras do autor que foram importantes na construção dessa aproximação entre antropologia e missiologia. Elas são: Mensagem e Missão (1960), Costumes, cultura e cristianismo (1963), Religião através das culturas (1968), Teoria e Prática da Tradução (1969, com Taber), Uma Análise Componente do Significado (1975) e Compreendendo os latino-americanos: com referência especial aos valores e movimentos religiosos (1974).

2.1.3 Paul Hiebert (1932 - 2007): “Ferramentas básicas”.

Outro nome que precisa ser elencado nesse processo de apropriações da Antropologia por parte dos missionários é o de Paul Gordon Hiebert (1932 - 2007). Nascido na Índia, Hiebert foi profundamente influenciado para o serviço missionário por seu pai, Johann Hiebert, cujo o fervor missionário levou-o a rejeitar a tentadora oferta de um cargo de professor em História da Índia na University of Southern California. Hiebert estudou no Tabor College, no Mennonite Brethren Biblical Seminary e na Universidade de Minnesota. Foi professor emérito de Missões e Antropologia na Trinity Evangelical Divinity School por vários anos.

Após um período de serviço missionário, ele prosseguiu para Pasadena, Califórnia, onde lecionou no Fuller Theological Seminary, antes de se tornar Distinguished Professor of Mission e and Anthropology [Distinguido Professor de Missões e Antropologia] na Trinity Evangelical Divinity School. Hiebert têm sido considerado uma referência entre missionários evangélicos como antropólogo, missiólogo e líder cristão. Faleceu em 11 de março de 2007, aos 74 anos (PRIEST, 2016).

A antropologia desempenhou um papel fundamental nas estruturas norte-americanas de treinamento missionário, especialmente entre linguistas e antropólogos do Summer Institute of Linguistics (SIL) e da American Bible Society (ABS), instituições missionárias nas quais nomes como Jacob Loewen, Kenneth Pike, Eugene Nida e William Smalley. Durante décadas, o único lugar para obtenção

do título de doutor em missiologia foi a Escola Kennedy de Missões, no Seminário de Hartford, que reuniu uma equipe de linguistas famosos, religiosos comparados, sociólogos (como Peter Berger) e antropólogos (Absalom Vilakazi, Paul Leser, Morris Steggerda, Edwin Smith). George Peters, Charles Kraft, Dean Gilliland e Charles Taber – autores conhecidos nos cursos teológicos - estavam entre os que receberam doutorados antes que essa escola protestante fechasse as portas em meados da década de 1960.

Nesse ambiente Hiebert recebeu suas influências ideológicas, antropológicas, missiológicas e teológicas que o levaram a publicar 12 livros e mais de 150 artigos voltados a temas antropológicos, missionários e teológicos. *Anthropological Insights for Missionaries*, uma das obras de Hiebert voltada ao público missionário, vendeu mais de 50.000 cópias. Outra obra de impacto nos estudos missiológicos foi o ensaio de Hiebert sobre "Contextualização Crítica" (PRIEST, 2016). Como esta, "*Anthropological Insights for Missionaries*", tornou-se uma das mais conhecidas e divulgadas obras no ramo da antropologia aplicada às missões transculturais. Essa obra foi fruto de anos lecionando como professor e baseou-se também nas experiências de Hiebert enquanto missionário na Índia. Com *Anthropological Insights for Missionaries*, o autor buscou oferecer aos novos missionários religiosos "algumas ferramentas básicas para a compreensão de outras culturas e a compreensão de si mesmos ao penetrarem nelas" (HIEBERT, 1999, p. 9-10).

Assim, como proporcionadora de "ferramentas básicas", Hiebert (1999) afirma ainda que a Antropologia colabora com as ações missionárias porque ela: 1) pode nos fazer entender situações transculturais; 2) pode trazer esclarecimento sobre tarefas missionárias específicas como a tradução da Bíblia; 3) pode auxiliar os missionários a compreender os processos de conversão dos nativos, incluindo a mudança social que ocorre quando as pessoas se tornam cristãs; 4) ajuda a tornar o evangelho relevante aos seus ouvintes e, por fim, 5) pode auxiliar nos relacionamentos com pessoas de todo o mundo, em toda a diversidade cultural, ajudando a construir pontes de compreensão entre elas.

2.1.4 Bárbara Burns: a contextualização do cristianismo à cultura.

Bárbara Burns é outro nome que merece destaque. Missionária e professora de missões no Brasil desde 1969, Burns tem trabalhado destacadamente no ensino de conteúdos missiológicos, servindo nas áreas de despertamento, preparo e envio de missionários transculturais. Ela tem mestrado em missões pelo Denver Seminary, em Colorado, EUA, e doutorado em missões pelo Trinity Evangelical Divinity School, em Chicago.

Burns tem participado da Comissão de Missões da Aliança Evangélica Mundial, cooperando também de artigos, capítulos e livros voltados a formação de missionários linguistas e antropólogos e no planejamento de congressos missionários de amplitude nacional. Ela foi fundadora (em 1984), e depois secretária executiva (entre 1992 e 1999), da Associação de Professores de Missões no Brasil (APMB). A área de ensino em que mais se destacou foi a da Contextualização Missionária, tema muito discutidos nas várias missões protestantes transculturais como conscientização acerca da grande necessidade de adequação de conteúdo cristão às estruturas nativas, numa tentativa de minimizar os efeitos históricos atribuídos aos processos catequéticos da missão entre as populações indígenas. Desde 1999, Burns coordena a Escola de Missões Transculturais da Missão Juventude Evangélica Pessoaense (JUVEP) em João Pessoa – PB (RADAR, 2015).

Suas obras de impacto escritas em português são: *Costumes e Cultura* (1988) e *Contextualização Missionária: desafios, questões e diretrizes* (2016).

Burns é, portanto uma das referências atuais quanto aos estudos missiológicos, sobretudo no que tange à contextualização cultural no processo de veiculação da mensagem cristã a povos indígenas, disciplina esta obrigatória nos treinamentos de novos candidatos a missionários.

2.1.5 Ronaldo Lidório: a formação do missionário-antropólogo.

O nome mais destacado na Antropologia Missionária em nosso país na atualidade é o do missionário brasileiro Ronaldo Lidório, da Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT) e também da Missão de Evangelização Mundial

(AMEM). Lidório é bacharel em teologia, habilitado em missiologia e pós-graduado em Antropologia Intercultural. Obteve doutorado em Antropologia Cultural pela Royal London University (RLU), Reino Unido, em 2001, e é concluinte do curso de doutorado em Teologia pela South African Theological Seminary (SATS) na África do Sul (SILVA, 2018).

Durante oito anos, ele e sua esposa Rossana, trabalharam entre o povo Konkomba, em Gana, desenvolvendo projetos sociais e evangelísticos, como a grafia e a tradução do Novo Testamento para a língua *LimonkpeIn*, a organização de uma clínica médica e o estabelecimento de escolas locais. Retornando ao Brasil, desenvolveram o Projeto Amanajé - que é voltado a evangelização de povos indígenas do Brasil -, coordenam o Instituto Antropos e prestam consultoria a diversas organizações missionárias nas áreas de missões e Antropologia. Lidório é consultor do Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas (CONPLEI), da International e da World Evangelical Alliance (WEC). Também coordena a área de pesquisa do Departamento de Assuntos Indígenas (DAI) da Associação de Missões Transculturais Brasileiras (AMTB). É membro da American Anthropological Association desde 2001.

Em sua obra intitulada 'Introdução a Antropologia Missionária', Lidório (2011) ressalta que a partir de 2001, quando retornaram de Gana ao Brasil, observaram que havia um crescente interesse por treinamentos, cursos missiológicos e por um roteiro que orientasse a pesquisa sociocultural entre os povos indígenas. Para ele, isso refletia a necessidade imperante que ainda havia no meio missionário brasileiro de conciliar a Antropologia com as atividades de campo. Segundo ele, esse interesse apenas exteriorizava a forte necessidade que os missionários indigenistas brasileiros tinham de uma antropologia missionária que fosse direcionada e aplicável às suas demandas. Em resposta a esse interesse, em 2011, Lidório escreveu uma o caracterizou. Reconfigurando a prática missionária mediante insertos da Antropologia, Lidório viu a importância da contribuição da mesma ao movimento cristão missionário, expressando o desejo da reciprocidade e aproximação entre Antropologia e Missiologia. Para ele, a Antropologia ainda é uma necessidade distante dos missionários evangélicos no mundo todo:

Entendo que o tripé para um bom preparo missionário deve ser fundamentado na Missiologia (com todo o embasamento bíblico – teológico necessário), na Linguística (com especial destaque para a aquisição de línguas) e na Antropologia (aplicada ao campo missionário). Desses três ‘pés’ é perceptível que o mais fraco, levando em consideração a carga horária e a ênfase nos cursos preparatórios para missionários, é a Antropologia. E não apenas no Brasil, mas no mundo de forma geral (LIDÓRIO, 2011, p. 12).

A criação do Instituto Antropos foi um passo a mais na direção da resposta a essa necessidade, viabilizando, assim, alternativas acadêmicas na área de Antropologia, pesquisas socioculturais e missiológicas aplicadas sob a supervisão e a elaboração de diversos consultores técnicos de renome no meio missionário evangélico. O Instituto Antropos, desde a sua criação em 2006, investiu na capacitação de 237 pessoas via cursos de "Capacitação Antropológica" em modalidade presencial, e em outros 220 missionários via educação a distância. Orquestrou em 2010, uma parceria com Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica para uma Pós-Graduação *Lato Sensu* em Antropologia intercultural, inicialmente oferecida na cidade de Manaus e atualmente na sede da UniEvangélica, em Anápolis – GO. No ano de 2011, Lidório lançou mais um curso voltado à capacitação de missionários, pesquisas socioculturais e plantio de igrejas (LIDÓRIO, 2011). Através do Curso “Capacitar”, no formato atual com três vertentes: plantio de igrejas, antropologia cultural e introdução à linguística, Lidório objetiva atualizar o missionário ou iniciar o preparo vocacional dos que querem trilhar esse trabalho (SILVA, 2018). Com sua 7ª edição no final de julho e início de agosto deste ano, em São Luís – MA, com 150 inscritos, o curso Capacitar tem alcançado seus fins entre missionários e interessados.

Deste modo, tem sido publicados artigos para a população missionária brasileira que tratam de apropriações da Antropologia aplicada às ações missionárias desde a década de 1970. Alguns artigos mais recentes têm sido publicados em sites especializados de instituições evangélicas como o do periódico Antropos – Revista de Antropologia.

2.2 APROPRIAÇÕES ANTROPOLÓGICAS E SEUS EMPECILHOS NA PRÁTICA MISSIONÁRIA

A segunda via deste trabalho tem como foco discutir até que ponto o uso das apropriações do saber antropológico por parte dos missionários está contribuindo para a sua prática de campo, sua expertise, e se a produção missionária, assim orientada, pode resultar em um ganho ou não para o estudo antropológico científico.

Uso o termo “apropriação” neste trabalho, aludindo aos meios de emprestar e tornar próprio, de tornar o conteúdo antropológico aplicável ao cotidiano missionário – não a prática religiosa em si, mas nos passos que a margeiam como os estudos das culturas, das cosmologias, dos mitos, do parentesco estruturas sociais e até dos idiomas nativos. Isto é, o modo próprio de aplicar, atribuir, apossar-se ou tornar seu uma coisa alheia – a semelhança da “nativização” do outro nos processos de hibridização linguística e cultural (RICOUER, 2012; BURKE, 2010). Mas há também um outro significado, mais relacionado à noção elaborada por Marx e Engels na qual o tornar próprio inclui “fazer e usar instrumentos” em uma transformação de sujeitos e objetos, criando assim formas peculiares de produção. Os autores enfatizam “a apropriação nada mais é que o aperfeiçoamento das práticas individuais fazendo uma relação com os instrumentos materiais criados” (MARX E ENGELS, 1998, p. 82). Ela apresenta um caráter universal que corresponde diretamente às forças produtivas e às trocas. Está condicionada em primeiro lugar, ao objeto que se quer se apropriar (MARX E ENGELS, 1998). Neste sentido, o apropriar equivale à instrumentalizar-se da Antropologia para o exercício e a produção do trabalho missionário naquilo que é relacionado ao conteúdo étnico – linguístico, religioso e sociocultural – em que se insere a missão.

Cabe ao missionário, uma vez capacitado, usufruir ampla e corretamente das teorias antropológicas que tenham mais relevância para a sua convivência com o outro. É dele a tarefa de procurar integrar à visão teológica e as atribuições antropológicas a respeito do homem de modo consciente, honesto e utilizar-se com eficiência do conhecimento científico a ele disponibilizado.

Hiebert (1999, p. 21) afirma que “os antropólogos desenvolveram teorias especializadas que tratam de aspectos específicos da vida humana, muitas das quais são úteis para missões”, deixando, de forma bem clara, as intenções quanto uma integração e utilização das teorias científicas sobre o homem e sua comparação aos ensinamentos bíblicos e religiosos.

Essa aproximação teórico-metodológica é possível, porque embora com finalidades que se divergem lá na frente, antropólogos e missionários partilham do interesse pelo mesmo objeto de estudo: as culturas dos grupos étnicos. Ambos compartilham de uma atenção pelo o diferente e exótico que se processa a sua frente, no campo (HIEBERT, 1999).

François Laplantine, antropólogo francês já citado anteriormente aqui, ao falar sobre o campo e a abordagem antropológica, introduz seu pensamento sobre a universalidade e a alteridade do saber antropológico à fase em que se encontra hoje como disciplina acadêmica dizendo que:

O homem nunca parou de interrogar-se sobre si mesmo. Em todas as sociedades existiram homens que observavam homens. Houve até alguns que eram teóricos e forjaram, como diz Lévi-Strauss, modelos elaborados ‘em casa’. A reflexão do homem sobre o homem e sua sociedade, e a elaboração de um saber são, portanto, tão antigos quanto a humanidade, e se deram tanto na Ásia como na África, na América, na Oceania ou na Europa. Mas o projeto de fundar uma ciência do homem - uma antropologia - é, ao contrário, muito recente (LAPLANTINE, 2003, p. 7).

Para Gilberto Velho, a observação antropológica acadêmica deve, inclusive, se vigiar para não se sobrepor a outros saberes locais, o que faz estranhar que alguns segmentos da Antropologia chegam a invisibilizar, ou mesmo demonizar, o saber empírico dos missionários. Estes “nativos” não interessam a tais segmentos:

É importante, no entanto, para o antropólogo, verificar como os próprios nativos, indivíduos do universo investigado, percebem e definem tais domínios para não cairmos na armadilha muito comum de impormos nossas classificações a culturas cujos critérios e crenças possam ser inteiramente diferentes dos nossos ou que possam parecer semelhantes em certos contextos para diferirem radicalmente em outros (VELHO, 1999, p. 20).

Reifler nos diz que: “na antropologia existem várias convicções, escolas, perguntas, teorias e métodos diferentes. Trata-se de uma ciência empírica cujos resultados são, continuamente, revisados, rejeitados, ampliados e modificados” (REIFLER 2003, p. 14). Partindo dessa ideia, temos uma compreensão de como devemos ver a Antropologia e sua instrumentalização de compreensão humana não como um saber estanque, impossível ou incongruente com a atuação missionária, mas, dada a sua dinâmica e diversidade, um saber construtivo e agregador a esta população que vive nas frentes de contatos interétnicos. Reifler diz ainda que, “para a antropologia missionária o estudo sistemático da etnologia é importante. Ela ajuda a compreender e descrever a cultura em seu contexto histórico, social, econômico e religioso” (REIFLER, 2003, p. 15).

O mesmo autor, ao citar o antropólogo americano Louis J. Luzbetak, define a antropologia missionária como: “[...] forma específica da antropologia cujo alvo é missionário e cujo método é antropológico. A antropologia missionaria fornece os métodos científicos enquanto que a missão oferece os exemplos práticos”.

Diante disso, Nida cita a experiência de algumas contribuições antropológicas quanto ao reconhecimento de si mesmo e de outros seres humanos ao afirmar:

Podemos resumir algumas dessas contribuições básicas da seguinte maneira: 1. O comportamento humano não é lógico ou efetuado ao acaso, mas segue modelos culturais definidos; 2. As partes que formam o padrão de comportamento de uma cultura são inter-relacionados; 3. A maneira como os diferentes povos seguem e pensam pode tomar formas bastante variadas de cultura para cultura (BURNS, AZEVEDO & CAMINATI, 1999, p. 29).

Os Missionários assim como antropólogos também estão preocupados com o universo do homem. Eles têm olhares também, se não tão bem treinados segundo o arcabouço teórico-antropológico que a academia proporciona aos antropólogos – o “olhar antropológico” de que falam Cardoso de Oliveira (1998), DaMata (1978) e Velho (1978) -, possuem invariavelmente “vantagens”, como a longa permanência no campo e conhecimento da língua nativa. Estas “vantagens” acabam se perdendo quando os missionários saem definitivamente do campo e não processam – seja por

falta de tenacidade ou por opção particular orientada por seus valores religiosos – os eventos históricos presenciados e vividos junto ao grupo nativo.

No convívio, missionários e nativos partilham a maioria das funções fisiológicas. Geram filhos no campo, digerem alimentos, sofrem dores, decepções, partilham alegrias e respondem a estímulos pelo mesmo processo biológico. Missionários no campo organizam-se em razão da sociedade e estão, relativamente, subordinados às mesmas culturas. Sem essas dinâmicas, seria difícil ver similaridades convergentes ou diversidades no processo de que permite pessoas de uma cultura entender ou se comunicar com pessoas de outras culturas (HIEBERT, 1999). Nessa base é que o saber empírico dos missionários não pode ser desconsiderado e desvalorizado na análise antropológica.

Tem sido atribuída pelos autores da antropologia missionária uma grande influência teórica na construção da mesma pelas obras antropológicas clássicas como “As regras do método sociológico”, de Émile Durkheim em 1895, “Esboço de uma teoria geral da Magia”, de Mauss e Hubbert, de 1903, “Os argonautas do Pacífico Ocidental” e “Antropologia Prática” de Malinowski, de 1929 e a “Interpretação das Culturas”, de Geertz, de 1973.

Segundo LIDÓRIO (2011), nessas obras se encontram o combustível necessário para as primícias estruturais, ainda que principiantes, de uma Antropologia Missionária de análise cultural. Para ele, os textos elencados aqui propuseram algumas ferramentas para a interpretação dos fenômenos sociais já observados e registrados ricamente através das etnografias missionárias realizadas na Melanésia, que ganharam destaque na conferência missionária de Edimburgo, em 1910.

Com estas leituras da Antropologia somada ao rico material étnico coletado e escrito, desejosas de categorizá-los para serem melhor compreendidos e estudados, as sociedades missionárias já existentes no início do século XX, passaram a buscar no funcionalismo (que seguia os passos de Durkheim) as diretrizes interpretativas para os fenômenos sociais do campo. Com a publicação em 1929, das obras de Malinowski, houve uma grande identificação da narrativa etnográfica por parte das sociedades missionárias – sobretudo pela ênfase no trabalho de campo - trazendo

um maior impulsionamento no despertar missionário para o estudo das sociedades humanas com base na coleta de dados por meio de métodos mais científicos (LIDÓRIO, 2011).

Desde a década de 1960, houve um crescente interesse por parte da Antropologia Missionária pela vertente da Antropologia Aplicada, uma vez que, segundo Lidório (2011, p. 35) a mesma “... consiste na utilização dos métodos antropológicos em busca de soluções para problemáticas da vivência humana, sendo, portanto adequada aos desafios do movimento missionário”. Ou seja, a Antropologia Aplicada ou Engajada passou a ser vista pelos missionários-antropólogos como mais próxima das suas práticas por ser menos voltada à academia do que às ações práticas, inclusive, intervencionistas, nas realidades socioambientais e socioculturais dos grupos em que se inseriam.

Lidório (2011) aponta que, ainda que haja muita controvérsia quanto ao uso da Antropologia Aplicada, se torna evidente a tendência mundial de instrumentalizar cada vez mais o uso da Antropologia como área de conhecimento a ser aplicada às soluções dos problemas sociais atuais.

A Antropologia Missionária ganhou mais fôlego ao ver o desenvolvimento da Antropologia Aplicada, tendo em George M. Foster e sua obra *Applied Anthropology* [Antropologia Aplicada], de 1969, um forte embasamento para utilizar o conhecimento como “ferramenta” com vistas à resolução de conflitos sociais. Essa obra de Foster teve muita significância, referência e citação no mundo missionário por 20 anos (LIDÓRIO, 2011). Destacou-se de Foster (1969) que a “Antropologia Aplicada, é aquela produzida fora da academia com o objetivo de participar de intervenções e mudanças de acordo com as demandas sociais”. Deste modo, a Antropologia Aplicada ganhou espaço e ampliou seu campo de ação com sua prática de usar métodos e teorias da Antropologia para resolução de problemas sociais.

Por sua vez, a Missiologia tem se apropriado de ferramentas antropológicas, como a utilização de métodos de análise cultural, quase sempre mais etnográficos, e buscando a organização dos dados coletados por métodos mais científicos. Sendo

que tal prática foi retirada das teorias antropológicas e suas importantes publicações já mencionadas neste trabalho, Lidório (2011) afirma que:

Em 1996, percebi a necessidade de um roteiro de análise de sistemas culturais que colaborasse com os missionários no intuito de prover um norte na observação e na pesquisa. Esse roteiro depois chamado 'método Antropos', foi desenvolvido não apenas para guiar a observação e o estudo do outro, mais também para propor a utilização dos dados compreendidos para facilitar e viabilizar as ações missionárias (LIDÓRIO, 2011, p. 35).

Uma dimensão fundamental para o entendimento dessa preferência missionária pela Antropologia Aplicada é a percepção de que as trajetórias de missionários e de antropólogos partem de discursos, certezas e práticas que estão longe de serem iguais e convergentes em seus desfechos: a construção do conhecimento acadêmico por uma perspectiva não normativa da Antropologia e a construção de um conhecimento para viabilização de ações evangelísticas, confessionais, políticas e intervencionistas na sociedade indígena, dos missionários.

É interessante ressaltar que antropólogos, quando fazem uso consultivo do material produzido por missionários, têm pouco interesse em entender ou compartilhar de suas práticas e métodos; na outra mão, os missionários protestantes se utilizam dos métodos e dos termos antropológicos para fundamentar seus discursos em relação ao modo de compreensão para com os povos que desejam alcançar ou evangelizar. Eles entendem que "o benefício e a necessidade do estudo da antropologia para qualquer missionário são incalculáveis. A antropologia é absolutamente necessária ao preparo para a obra missionária" (BURNS, AZEVEDO & CAMINATI, 1999, p. 9).

Mesmo díspares nos seus efeitos, para Hiebert, existe uma grande preocupação quanto a essa integração do pensamento antropológico com o missiológico/teológico, que é:

Como integrar nossa visão teológica e antropológica a respeito do homem? [...] Qualquer tentativa de integração deve ser completa em sua natureza. Não adianta tomar apenas alguns pedaços do pensamento científico e incorporá-lo ao nosso pensamento cristão. Se quisermos aproveitar as ideias científicas, devemos encarar a questão de como a ciência se relaciona com a verdade bíblica (HIEBERT, 1999, p. 21).

Tal abordagem deve reconhecer a contribuição que diferentes disciplinas podem acrescentar e nortear o que compreendemos sobre o ser humano. Ter uma visão estratificada e reducionista sobre o homem levará o pesquisador a uma visão simplista de sua totalidade como pessoa que é, não vendo o ser humano numa abordagem holística.

Entendo que essa tenha sido uma das maiores dificuldades com que a missiologia tem se deparado por todos esses anos, quando tem se utilizado somente no uso de algumas ferramentas antropológicas “convenientemente” a si e caído no erro do reducionismo. Hiebert (1999, p. 23) afirma “O perigo do reducionismo em missões é a sua abordagem excessivamente simplista das necessidades do homem”. Para ele, essa abordagem estratificada e reducionista precisa ser superada pelos teólogos/missiólogos:

Enquanto a Antropologia tem trabalhado em direção a uma visão integrada do ser humano do ponto de vista da ciência, nós, cristãos, devemos nos fazer uma outra pergunta. Como os modelos científicos do ser humano se relacionam com o nosso entendimento teológico deles? Infelizmente, durante o último século, a relação entre cientistas e teólogos tem sido sempre de confronto. Tanto a ciência como a teologia tendem a reivindicar uma visão total e ampla da realidade e, portanto, uma ignorou a outra. Estamos nos tornando mais cientes de que a realidade é muito mais complexa do que entendemos sobre ela – na melhor das hipóteses, podemos vê-la de perspectivas diferentes (HIEBERT, 1999, p. 26).

Se a experiência de campo e a coleta de dados são áreas fortes nas comunidades missionárias evangélicas, a ausência de métodos etnográficos e etnológicos tem sido uma das suas deficiências e desafio. O contexto de treinamento missionário deve passar da fase etnográfica e adentrar mais a etnologia. Não pode se contentar apenas com a coleta sistemática de dados culturais, mas buscar sua análise e entendimento (LIDÓRIO, 2011).

Destarte, há duas fortes carências nos estudos e preparo dos missionários: a ausência dos estudos identitários (cultural, social e étnico) e a uma melhor comunicação intercultural. A ausência de tais práticas tem gerado empecilhos a esses atores quanto a sua trajetória em campo e entre nativos. Os estudos

identitários se tornam vitais numa compreensão mais profunda do “outro”, da sua percepção de pertencimento e diálogos mais inteligíveis e aplicáveis. A sua ausência incorrerá em intervenções desfavoráveis. Já a comunicação intercultural mantém seu foco numa comunicação entre pessoas culturalmente distintas, tendo uma menor comparação e mais relacional, objetivada pela troca de informações, conceitos, vivência em qualquer área de aplicação (LIDÓRIO, 2011).

Entendo que o missionário evangélico possui dificuldades peculiares quanto a abordagem e uma melhor compreensão de temas antropológicos como o relativismo cultural, e das críticas que recebe quanto as práticas definidas como catequizações, demonizações da cultura do outro, da pajelança, da mitologia nativa, da diversidade de gênero e das uniões parentais, do “infanticídio”, além da não aceitação do discurso não-intervencionista dos antropólogos, ou seja, temas e conceitos estes tangencias da Antropologia, que são, a princípio, incombináveis com sua prática e visão religiosa.

Segundo Lidório, tal realidade é decorrente por fatores como perfil de preparo sem conhecimento antropológico e uma integração desse conhecimento com a missão:

Pensando no perfil do treinamento do missionário brasileiro, podemos compreender que, seguindo a tendência mundial desde os anos 1970, ele se dá sobre um tripé curricular: Missiologia, Linguística e Antropologia. Percebo que no Brasil, e possivelmente no mundo, o pé mais fraco é o antropológico, por três motivos principais. Em primeiro lugar, pela pouca ênfase das disciplinas antropológicas na formação teológica e missionária. Normalmente, o missionário cursa duas ou três disciplinas, quase todas introdutórias, sobre temas antropológicos, sem forte embasamento teórico. Em segundo lugar, pela concepção missionária evangélica a respeito do antropólogo – alguém que simplesmente questiona e invalida as ações missionárias. Em último lugar, pela falta de conciliação entre a Antropologia e a Missiologia, ou seja, o estudante se aproxima das ciências sociais sem uma clara percepção de como esse estudo lhe será útil. Torna-se especialmente necessário, portanto, a aplicação da Antropologia na vivência missionária, desenvolvendo e expondo modelos que cooperam tanto para a compreensão da cultura quanto para a comunicação do Evangelho (LIDÓRIO, 2011, p. 50).

Outro tema que merece destaque aqui é a própria relação conflituosa entre antropólogos e missionários. Antropólogos e missionários tem construído uma longa

história de encontros e desencontros que foram ocasionados por fatores conceituais, metodológicos, políticos e religiosos; e, certamente, por fatores ligados à própria natureza de suas atuações na relação com a sociedade. Lidório (2011, p. 25) afirma que “Enquanto os antropólogos se propõem à produção de conhecimento a partir de uma abordagem de pesquisa e reflexão, os missionários dedicam-se principalmente à produção de servir a partir de ações de relação e intervenção”. Assim sendo, existiria uma diferença funcional entre antropólogos e missionários. Para os antropólogos, as ações missionárias são intervencionistas e causadoras de mudanças e, numa perspectiva relativista, nocivas ao grupo. Por outro lado, os missionários consideram as pesquisas dos antropólogos “estéreis”, vendo-as com certo descaso, por não serem elas, associáveis diretamente as necessidades do segmento humano estudado (LIDÓRIO, 2011).

Segundo Alves e Silva (2014), os relatos etnográficos e a produção de origem missionária são contrapontos acadêmicos dentro da Antropologia, recebendo críticas desta quanto a fidedignidade epistemológica. A autora afirma que:

Nesse processo de autonomização da disciplina, os escritos e estudos dos viajantes/missionários foram sendo descartados, pois caíam nos estigmas que se tinham sobre tais populações e assim produziam um conhecimento pensado como baseado em achismos etnocentrismo, com intenções proselitistas e intervencionistas. Desse modo uma das bases da objeção ou contraposição entre antropólogos e missionários, pode ser encontrada nesse processo histórico em que tais atores empreendem formas de produção de conhecimento sobre os povos indígenas que se contrapõem tanto no sentido político e ético, quanto na sua forma de produção (ALVES E SILVA, 2014, p.4).

Se na legitimação do conhecimento encontramos discordâncias nas epistemologias de antropólogos e de missionários, no meio missionário há, diga-se merecidamente, uma forte ênfase na permanência prolongada com o grupo que se relacionará, centrando-se no aprendizado da língua e na integração com o grupo.

São comuns os relatos missionários de permanência no campo por muitos anos, sendo incontestável a influência pessoal no grupo. Assim, levando em conta a discussão entre legitimidade epistemológica e autoridade empírica na qual

antropólogos e missionários se polarizam, há de se pensar se ambos jamais poderão ter uma aproximação e respeitosa atuação juntos.

Cito dois exemplos que ressaltam bem essa realidade. Kowalski (2008), se refere a já abordada incompatibilidade de intenções/desfechos entre antropólogos e missionários, dizendo que:

Um ator humanitário que, à primeira vista, não pode ser reconhecido como tal, é o Summer Institute of Linguistics – SIL, dos Estados Unidos. O instituto, que atua em escala mundial, tem por tarefa precípua elaborar a escrita de culturas ágrafas, elaborar as correspondentes traduções da Bíblia e realizar um trabalho missionário baseado na interpretação literal das sagradas escrituras. Os missionários tentam também transmitir aos destinatários de seu trabalho regras de convívio social baseadas em uma visão de mundo cristã de matriz fundamentalista. Com isso, o trabalho do SIL, objetiva o desenvolvimento social e a transformação cultural dos missionados e consubstancia a tentativa de aculturá-los e integrá-los no plano local na comunidade global dos cristãos. Objetivamente, pode assim ser colocado no mesmo plano das outras formas de cooperação para o desenvolvimento e ser denominado como forma especial do engajamento humanitário, religiosamente motivada (KOWALSKI, 2008, p.134).

Para ele, o projeto missionário entre os Canela teria fracassado porque estes, na relação missionário-povo, “...se orientavam inteiramente por considerações práticas e visavam extrair uma vantagem econômica para si mesmos”. Como atuei pessoalmente entre esse povo por alguns anos, ouvi deles que tal “fracasso” partia muito mais de uma leitura particular que não via com bons olhos o trabalho do SIL do que do povo em si.

O outro exemplo que gostaria de citar, na mesma comunidade indígena, inclusive, é o que narra Crocker (2009) acerca de seu convívio com os mesmos missionários:

Um importante efeito da presença do casal de missionários Jack e Josephine Popjes, do Instituto Linguístico de Verão, ou Tradutores da Bíblia Wycliffe, e da minha como principal antropólogo dos Canelas, foi o surgimento da alfabetização. Os Popjes chegaram em 1968 e moraram entre os Canelas até 1990, tendo completado a missão da tradução da maior parte da Bíblia para a língua canela, tornando-se acessível para todos os membros da tribo. Os missionários do Instituto Linguístico de verão (SIL), inicialmente não pregaram ou tentaram converter, preferindo em vez disso tornar a palavra de Deus acessível através da tradução da Bíblia. Os Popjes eram treinados em linguística moderna. Eles tomaram a forma rudimentar

de escrita da língua canela desenvolvida por Nimuendajú, junto com meu trabalho em fonemas e vocabulário, e desenvolveram uma gramática linguística consistente e sólida. Durante o longo processo de tradução, o casal Popjes teve de sessenta a cem ajudantes canelas, uma colaboração que desenvolveu neles as habilidades de leitura e escrita. Esse contato com as letras, bem à parte da influência religiosa, foi tremendamente importante para os Canelas (CROCKER, 2009, p. 48).

Crocker conviveu com os Popjes por longos anos na aldeia Escalvado dos Canela. Tive o privilégio de conhecer as pessoas citadas e ouvir delas próprias que trabalharam e valorizaram mutuamente o trabalho uns dos outros nessa comunidade. Crocker se tornou uma referência entre os Canela com suas pesquisas antropológicas ao passo que os Popjes legaram-lhes os desdobramentos da escrita e da tradução. A meu ver, este é um exemplo de uma boa aproximação entre missionários e antropólogos no campo de suas atuações.

Assim, percebemos o quanto estão interligados missionários e antropólogos como atores onde quer que estejam, em uma mútua construção, não necessariamente dialética. A presença do missionário pode gerar novas situações passivas de análise antropológica. O papel da missão não precisa ser notado apenas como aculturador, nem ser negado – no sentido de propositalmente invisibilizado da realidade indígena - mas pode, como tem sido feito em algumas abordagens (WRIGHT, 1999, 2004; CAPIBERIBE, 2007; POMPA, 2003; VILAÇA, 2008; DIAS, 2015), apontar para uma relação “no campo” a ser mais estudada pela Antropologia, sobretudo nos estudos que envolvem os processos de conversão/cristianização de povos indígenas. Como Montero (2006, p. 56) indica “é preciso focar o problema do contato em termos dos processos de articulações simbólicas (e sociais) das diferenças que este ator particular, o missionário, produz”.

Dentro desta perspectiva, há a propositura de Dias (2015) que nos indica que:

Antropologia missionária é, portanto, *um olhar missionário* (Aqui mais do que teológico – se isso é possível - por sua já desenvolvida flexibilidade a contextos *não-urbanos* ou *transculturais*) *sobre a produção antropológica, na busca de métodos, paradigmas e conhecimento teórico que auxilie o missionário na sua atividade de campo*, não necessariamente em termos espirituais, mas no que concerne a se reafirmar como útil, produtivo, capaz e necessário no cenário indigenista (DIAS, 2015, p. 201, *grifos do autor*) .

Segundo esta leitura histórico-conceitual, o missionário deixa de ser visto como apenas um interventor/impositor e passa a ser “mediador de significados” (DIAS, 2015, p. 202) e a Antropologia dita “missionária” flutua de um ramo da Antropologia - ou de uma “ferramenta” - para um espaço comum em que o missionário possa elaborar etnografias legitimamente científicas a despeito de suas práticas confessionais.

Como “mediador”, na convivência com o povo alvo, o(a) missionário(a) não está imune à mudanças que serão promovidas, invariavelmente, em razão desta convivência com os nativos. Esse fenômeno foi chamado de “biculturalidade” por Hiebert (1987, p.450, 451) e ocorre quando o missionário convive com dois contextos culturais, misturando-os com um tempo, não sabendo mais se é nativo ou estrangeiro, mais sendo uma mistura de ambos. Antropologicamente falando, equivaleria aos termos “hibridização cultural” (BHABHA, 1998; BURKE, 2010) ou “mestiçagem cultural” (GASBARRO, 2014).

Uma outra abordagem cabível aqui é sobre os escritos missiológicos em campo. Se são validos ou não, no que tange à observação antropológica; ou se são aceitos apenas como dados etnográficos por seu valor histórico e conceitual. Montero (2012, p.20) afirma que “embora a atividade missionária tenha sido intensamente estudada, sobretudo pelos historiadores, a literatura etnográfica missionária raramente mereceu atenção dos estudiosos”, reafirmando o desinteresse etnológico pelo o que os missionários fizeram e fazem em campo. Se o antropólogo finge não ver o missionário no convívio indígena, por outro lado o missionário parece gostar deste anonimato acadêmico, resignando-se apenas à informação e não à análise de seus dados e memória de campo. Deve-se também investir na construção de um maior interesse dos missionários e das missões evangélicas atuantes nos contextos indígenas na produção e análise dos seus dados, arquivos, escritos e sua publicação ou disponibilização para pesquisa acadêmica e exposição à crítica literária.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dos livros “Introdução a Antropologia Missionária”, de Ronaldo Lidório e o “O Evangelho e a Diversidade das Culturas”, de Paul G. Herbert foram de grande importância para a percepção e a busca do tema desenvolvido neste trabalho.

Impressionou-me também o livro de Paula Montero “Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural”. Juntos, estes livros formam a base bibliográfica motora para esta abordagem, pois me conduziram a pensar acerca do ganho mútuo que pode haver na relação Antropologia e Missão, seja pelas apropriações antropológicas por missionários para o desenvolvimento de suas pesquisas e práticas; seja, inversamente, pela compreensão do valor que os missionários e sua missão possam, de alguma forma, agregar ganhos ao saber antropológico.

Portanto finalizo este trabalho afirmando que continuarei meus esforços para ampliar essa pesquisa quanto ao tema proposto e entender mais ainda sobre essa relação dos missionários com os estudos antropológicos e sua prática em campo. Afinal, parafraseando Viveiros de Castro (2002) no que diz que ninguém nasce antropólogo ou nativo, também ninguém nasce missionário. As construções de cada um são processos dignos de uma pesquisa constante.

REFERÊNCIAS

ALVES E SILVA, Jhébessika Angell; CORRÊA, José Gabriel Silveira. **De que antropologia falam os missionários**: imagens e enquadramentos dentro de um campo de atuação. Natal/RN: Reunião Brasileira de Antropologia, 2014.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na Teologia da Missão. 3. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Coleção Aldus – nº. 18 (2003). São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.

BURNS, Bárbara; AZEVEDO, Décio de; CARMINATI, Paulo Barbero F. de.
Costumes e culturas: uma introdução à antropologia missionária. 3.ed. São Paulo:
Vida Nova, 1999.

CAPIBERIBE, Artionka. **Batismo de fogo:** os Palikur e o cristianismo. São Paulo:
Annablume/ Fapesp/ Nutri, 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo.** Brasília: Editora
Paralelo 15 / Editora da UNESP, 1998.

CROCKER, William H.; CROCKER, Jean G. **Os Canelas:** parentesco, ritual e sexo
em uma tribo da Chapada Maranhense. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.

DAMATTA, Roberto. O ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”.
1973. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica.** Rio de Janeiro:
Zahar, 1978, p.23-35

DIAS, Ricardo Lopes. **Siyude (Senhorita):** as “traduções” Matses do contato
histórico com missionárias do Summer Institute of Linguistics – SIL. Guarulhos:
Dissertação (mestrado). Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas, 2015.

FOSTER, George. **Applied Anthropology.** Boston: Little, Brown, and Company,
1969.

GASBARRO, Nicola. A modernidade ocidental e a generalização de —religião e
—civilização: o agir comunicativo das Missões. In: ALMEIDA, Néri de Barros;
SILVA, Eliane Moura da (Org.). **Missão e pregação:** a comunicação religiosa entre a
história da igreja e a história da religião. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014, p. 189-210.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HIEBERT, Paulo G. A cultura e as diferenças transculturais. In: WINTER, Ralph D.;
HAWTHORNE, Steven C. (orgs). **Missões transculturais:** uma perspectiva cultural.
São Paulo: Mundo Cristão, 1987, p. 445-460.

_____. **O Evangelho e a diversidade das culturas:** um guia de antropologia
missionária. São Paulo: Vida Nova, 1999.

INSTITUTO ANTROPOS. **Antropologia Missionária.** Disponível em:
http://instituto.antropos.com.br/v3/index.php?option=com_content&view=article&id=576:antropologia-missionaria&catid=37&Itemid=6. Acesso em 16 jun. 2018.

KOWALSKI, Andreas. **Tu és quem sabe:** Aukê e o mito canela de ajuda aos índios.
Brasília: Paralelo 15, 2008.

LAPLANTINE, François; **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução a Antropologia Missionária**. São Paulo: Vida Nova. 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, ciência e religião**. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Esboço de uma teoria geral da magia**. In: _____. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 47-181.

MONTERO, Paula (org.). **Deus na Aldeia**: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006.

_____. **Selvagens, civilizados, autênticos**: a produção das diferenças nas etnografias salesianas (1920-1970). São Paulo: EDUSP, 2012.

POMPA, Cristina. **Religião como tradução**: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial. Bauru-SP: Edusc, 2003.

PRIEST, Robert J. Paul Hiebert: A Life Remembered. Books & Culture (B&C). Novembro/Dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.booksandculture.com/articles/2007/sep/oct/9.9.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

RADAR Missionário. **Biografia Dra. Bárbara Burns**: uma vida dedicada a missões no Brasil. 2015. Disponível em: <http://www.radarmissionario.org/biografia-dra-barbara-burns-uma-vida-dedicada-a-missoes-no-brasil/>. Acesso em: 18 jun. 2018.

REIFLER, Hans Ulrich. **Antropologia Missionária para o século XXI**. Londrina-PR: Descoberta, 2003.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SILVA, Gilson Ricardo da. **Entrevista com Ronaldo Lidório**. Entrevista realizada por meio eletrônico no dia 03 de Outubro de 2018. Mimeo.

TABER, Charles. **To Understand the World, to Save the World**: the interface between Missiology and Social Science. Harrisburg: Trinity Press International, 2000.

ULTIMATO. **Entrevista: Ronaldo Lidório.** Edição 303. Novembro/Dezembro 2006.
Disponível em: www.ultimato.com.br/revista/artigos/303/ronaldo-lidorio. Acesso em:
19 abr. 2018.

ULTIMATO. **Morre Eugene Nida, criador de método de tradução da Bíblia.**
ULTIMATO ONLINE, 30 de Agosto de 2011. Disponível em:
<https://www.ultimato.com.br/editora/conteudo/morre-eugene-nida-criador-de-metodo-de-traducao-da-biblia> Acesso em: 01 out. 2018.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica:** objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p. 36-46.

_____. **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: J.Z.E., 1999.

VILAÇA, Aparecida. **Conversão, Predação e Perspectiva.** Revista Mana, Rio de Janeiro, vol. 14, nº 1, p. 173-294, 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O nativo relativo.** Revista Mana, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 1, p. 113-148, 2002.

WRIGHT, Robin M. O tempo de Sophie: história e cosmologia da conversão baniwa. In: _____. **Transformando os deuses:** os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 1999, p. 155-216.

_____. **Transformando os deuses:** igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil. Vol. II. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004.